

jornal da tarde

Publicado pelo S.A. O Estado de S. Paulo
Av. Engenheiro Costanzo Alvares, 35, tel.: 856-2122 (PABX).



Fundado em 1875

JORNAL DA TARDE

Director Responsável

RUY MESQUITA

Directores

José Vieira de Carvalho Mesquita
Júlio de Mesquita Neto
Luiz Vieira de Carvalho Mesquita
Ruy Mesquita
César Tácito Lopes Costa
José M. Homem de Montes
Oliveiros S. Ferreira

JÚLIO MESQUITA
(1921 - 1927)

JÚLIO DE MESQUITA FILHO - FRANCISCO MESQUITA
(1927 - 1969)

Vamos esperar que Sarney escolha o Brasil

Como num daqueles pesadelos que se repetem sem que possamos evitá-lo, o Brasil encontra-se, outra vez, na iminência de ver naufragar mais uma tentativa de se colocar um mínimo de ordem na economia nacional, no momento em que estão aguda e dolorosamente presentes as trágicas consequências sociais da primeira tentativa abortada pelo mesmo e único motivo: o absoluto descontrole das contas públicas que resulta da criminosa orgia de gastos promovida pelo "maior partido do Ocidente", aquele que fez "uma opção pelos pobres"...

Mais uma vez, diante do primeiro atestado oficial de óbito do Plano Bresser — os cálculos feitos pela Secretaria de Abastecimento e Preços (Seap) para a inflação de agosto, que deverá ser maior do que 6%, e as previsões para os próximos meses que apontam para uma curva rapidamente ascendente até os 10% antes do final do ano, tudo isso com preços e salários congelados — o presidente José Sarney deverá reunir-se com o seu ministério esta semana para uma avaliação da situação. Desta vez, porém, diferentemente do que aconteceu da vez passada em Carajás quando os "pais do Cruzado" acabaram por se calar, esmagados pelo irrefreável otimismo que o então ministro Dílson Funaro, confiando na completa ignorância de sua excelência a respeito de assuntos econômicos, tinha incutido na cabeça do presidente, e pela má-fé de ministros e políticos que fingiam compartilhar desse otimismo pensando mais na eleição que se aproximava do que no Brasil e em seus pobres, desta vez será o próprio ministro Bresser Pereira quem alertará o presidente Sarney para a iminência do desastre.

O ministro Bresser Pereira dispõe de vários argumentos convincentes para trazer qualquer sonhador de volta à lucidez. Além dos números que já mencionamos e de outros indicadores econômicos que, sem exceções, apontam para um desastre, ele poderá lembrar à sua excelência, com inúmeras ilustrações colhidas nos jornais das últimas semanas, que o País já não conta com condições sociais para passar, impunemente, por mais um fracasso de grandes proporções e por mais uma explosão inflacionária. E se nada disso o comover, poderá lembrar-lhe, ainda que, se da primeira vez o presidente dispunha de credibilidade e de popularidade para perder é mesmo assim o seu governo sobreviveu a duras penas ao fracasso do Cruzado, desta vez já não dispõe de mais nada, e a repetição do desastre, ainda mais pelos mesmos motivos, lhe custará, no mínimo, o seu mandato.

Mais mesmo com tudo isso não temos motivos para estar tranquilos quanto às suas possibilidades de convencê-lo. Falando domingo a O Estado de S. Paulo, o ministro Bresser Pereira, para bom entendedor, forneceu ao presidente Sarney o mapa de saída do labirinto político em que ele insiste em se manter preso, e que ele continua alegando para não tomar a decisão de fazer o que tem de ser feito. Falou na existência de "dois PMDBs", um deles "forte, realista, coerente e de bom senso", que lhe tem dado "amplo e total apoio" na sua luta contra a inflação, jamais lhe criando qualquer problema "seja no que se refere ao programa de ajustamento interno da economia, seja na questão da dívida externa, jamais pressionando para obter o impossível", e que "vai ajudar o governo a reduzir o déficit público (desde que ele queira fazê-lo)", e outro PMDB "fraco, não representativo, que tem lá a sua meia dúzia de radicais desinformados", que age na direção oposta.

Isso todos nós sabemos, e o Brasil inteiro também ficou sabendo quando este PMDB majoritário, de bom senso, reagiu e venceu — no voto — o outro PMDB na Assembleia Nacional Constituinte. Acontece que o sr. José Sarney parece estar empenhado em não reconhecer este fato. E o problema continua sendo que o PMDB "fraco, não representativo, que tem lá a sua meia dúzia de radicais desinformados", é o que está no poder. E o pior é que aquela "meia dúzia de radicais desinformados" ocupa, neste momento, estratégicos ministérios do governo Sarney, postos de liderança no Congresso Nacional ou posições de destaque em grupos de conhecedores de bebidas raras que exercem decisiva influência em sua excelência, ainda que, como disse o ministro da Fazenda, não tenham representatividade eleitoral para tanto.

Veja-se, por exemplo, o documento "A reestruturação da dívida externa brasileira: as posições do PMDB e a atual fase de negociação" recentemente divulgado pela Fundação Pedroso Horta, reduto inexpugnável daquele PMDB "fraco, radical e sem representatividade" e que, não obstante, é ouvido pelo presidente. Esta fundação é tida como a "cabeça pensante" econômica do partido, ou melhor dizendo, "daquele" partido. Comemorando seis meses da declaração da moratória dogmática do Brasil aos credores externos, com o País literalmente parando por falta de investimentos, com o desemprego e a inflação crescendo e com a Rocinha "descendo", e na iminência de ser rebaixado mais um degrau na classificação dos credores, fato que tornaria totalmente impossível a reabertura do fluxo de "dinheiro novo" para nossa economia, estes senhores afirmam, nada mais nada menos, que "a moratória é o maior instrumento de negociação do Brasil", que "não deve ser retomado o pagamento de juros, mesmo simbolicamente" (uma das saídas da moratória), que "não deve ser aceito o monitoramento do FMI, independentemente do grau de formalização de tais acordos" (a outra saída), que "o País não tem razões objetivas para precipitar o processo de negociação imediatamente" e, finalmente, que a moratória "deve ser ampliada também aos pagamentos dos juros devidos ao Clube de Paris"!!

Esta "cabeça pensante" daquele PMDB "fraco, radical e sem representatividade" de que fala o ministro Bresser Pereira, diz ainda mais: afirma que o Plano Macroeconômico do ministro da Fazenda "contém os pontos principais de uma proposta de negociação que seria levada aos credores externos" mas "não visa a uma reestruturação ampla e duradoura da dívida e não reduz o suficiente a transferência de recursos para o Exterior" — e agora o mais espantoso — que "os credores têm interesse em concluir rapidamente um acordo com o Brasil mas existem dúvidas quanto ao texto final da Constituição; quanto ao sucesso do Plano Bresser (contra a inflação), e em relação ao saldo comercial que o País terá até o final de 87"...

Isso é a tal "cabeça pensante" daquele PMDB "fraco, radical e sem representatividade", sabe que se não tem representatividade suficiente para impor uma "ampliação" da moratória — imprescindível para que o Brasil se isole definitivamente do mundo desenvolvido e mergulhe o suficiente no desespero para que grupos radicais sem representatividade possam sonhar com a conquista do poder absoluto — tem, graças à posição que a fraqueza do presidente Sarney lhes garante até dentro do seu ministério, poder suficiente para sabotar — como estão sabotando na Constituinte e na luta contra os gastos públicos — as condições básicas para que o Brasil possa sair desta malfadada moratória e restabelecer o fluxo de dinheiro novo capaz de salvá-lo do caos econômico e de evitar uma explosão social.

O ministro Bresser Pereira falará esta semana, portanto, a um presidente que voltou do México com um discurso exatamente igual, no essencial, ao da Fundação Pedroso Horta a respeito da negociação da dívida externa: a fundação, daquele PMDB, aliás, recomendava expressamente, como única atitude concreta que o Brasil deveria tomar neste campo, "mobilizar maior apoio nos planos nacional e internacional, às suas posi-

ções". Ele só omitiu a parte que fala na ampliação da moratória. E falará também a pelo menos alguns ministros que têm a intenção expressa de sabotar os seus dois planos: o de contenção da inflação e o de negociação da dívida externa...

Não sabemos o que conseguirá e torcemos para que ele possa convencer o sr. José Sarney a escolher o Brasil, mesmo que seja no interesse estrito de preservar o seu mandato. De qualquer maneira, esta será a última oportunidade do ministro Bresser: ou ele consegue um claro compromisso do presidente com suas políticas e obtém garantias de um corte profundo nos gastos públicos (o que significa necessariamente, como disse o "pai do Cruzado", Pêrsio Arida, à Veja desta semana, começar pela dispensa de funcionários supérfluos) ou pede sua demissão e denuncia à Nação a farsa que está em curso.